

ESPECTROS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL - EU, O OUTRO E A VIDA – A REDENÇÃO

Celito Francisco Mengarda¹

Quem espera que eu traga interessantes referências científicas e citações de renomados autores, certamente se decepcionará com o texto e a fala! Às vezes, a ciência implora pela obviedade, como a obviedade escandalosamente clama por cientificidade.

Acredito que entenderão isso.

No final dos anos 1990, conforme mais se aproximava do ano 2000, que marcaria o início de um novo século e um novo milênio (eram raras as pessoas naquela ocasião que já haviam vivenciado a passagem de um século para outro - a virada de milênio nem mesmo o personagem bíblico Matusalém, que teria vivido 969 anos, poderia ter experimentado uma segunda vez), discutia-se muito sobre o que e quem seria o homem, o ser humano do Século XXI e do Terceiro Milênio.

Antropólogos, filósofos, historiadores, psicólogos, teólogos, enfim, cientistas de todas as nuances (é claro, os astrólogos também e até os políticos!) alvoroçaram-se para fazer suas preciosas e certas previsões. Por mais encantadoras, promissoras, decepcionantes e esdrúxulas que fossem (usa-se o adjetivo que se quiser), em todas havia um ponto em comum, mesmo que o vocabulário não fosse exatamente o mesmo: o século XXI será o século da redenção do homem (Ser Humano)!

O que eles entendiam sobre o que chamavam de “Redenção do Homem”?

Depois de grandes épocas marcadas pela veneração de deuses, das ideologias socialistas, da importância da coletividade e dos grandes impérios econômicos aparecia um destaque para o indivíduo, voltando-se muito para si, o que relembra Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo!". Mesmo com a permanência e fortalecimento dessas ideologias e desses impérios, dentro deles estaria o indivíduo focado muito mais em si mesmo! Ânima de fazer da experiência humana de vida uma oportunidade única e única.

Aqui talvez seja o grande desafio de qualquer profissional, de qualquer área humana: lidar com o conflito entre as forças de ideologias de massificação ou poderio econômico e a

¹ Doutor em Psicologia Clínica, pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Tratamento e Prevenção Psicológica, atuando principalmente nos seguintes temas: Envelhecimento bem-sucedido e Características psicológicas de homens longevos. E-mail: celito.mengarda@gmail.com

vontade individual de realização/redenção. Isto conflita com as organizações. O mundo humano é uma macro-organização, com uma infinidade de outras de todos os portes e funções, sendo a menor de todas a família. Mesmo formada por humanos, a finalidade da maioria das organizações não é humana; é material. Então, ela não se importa com o indivíduo, mas com a sua própria redenção, que, como eu disse, é material.

Em geral, no desenvolvimento humano, na maior parte das teorias desenvolvimentais, ele se apresenta sob dois vórtices por onde as pessoas organizarão suas vidas: amor e trabalho. O amor poderia ser resumido como alguma forma de organização familiar, e o trabalho como a ocupação para buscar o sustento (em geral, dessa organização familiar). Mas, para que família? Para que trabalho? Aqui, entre esses dois vórtices estaria uma lacuna, um vazio que aqueles pensadores da década de 1990 apontavam por onde deveria passar a tal redenção.

As pessoas querem mais que família e trabalho. Seria um outro espaço e um outro tempo para poder usufruir as benesses oriundas do trabalho e da família e com pessoas encontradas no trabalho e agregadas na família. Este espaço seria aquele do bem-estar e do lazer. Alguns dos personagens das ideias do século XXI afirmavam categoricamente que os campos do Turismo, com todas suas interfaces, e a Psicologia seriam os pilares e as alternativas para preenchimento desta lacuna e da busca da referida dimensão pessoal. Em outras palavras, o bem-estar consigo, com alguém ou 'alguéns' e com a vida. Exemplo simples: vejam a acorrida ao novo espaço na orla do Guaíba! E como faltam esses espaços! E como faltam iniciativas!

No Brasil, esse conceito, na verdade, está provocando problema, angústia, sofrimento. Não precisamos esmiuçar a realidade do mercado de trabalho, nem as confusões existentes sobre os conceitos de amor e de família.

Na década de 1930-40, um grupo de cientistas da Universidade de Harvard decidiu realizar uma pesquisa longitudinal e comparativa entre dois grupos de jovens de condições sociais, culturais e econômicas distintas. A finalidade do estudo era verificar a qualidade de vida de forma ampla. Cada grupo foi composto por 100 pessoas: um deles, de jovens ingressantes em Harvard; e outro da periferia de Boston. Como se sabe, Harvard sempre foi uma universidade da elite cultural e econômica americana (atualmente universal). Já os da periferia eram de baixa escolaridade e de condições gerais limitadas. Esses grupos foram acompanhados ao longo do tempo e anualmente eram avaliados nos aspectos físicos, psíquicos, sociais e cognitivos. Ao chegarem aos 85 anos entre aqueles que ainda estavam vivos, constatou-se que havia diferenças expressivas entre si nas condições gerais de vida. Os pesquisadores resolveram então revisitar os prontuários de quando eles estavam na faixa dos

50 anos. Aí constataram que aqueles que aos 85 anos apresentavam as melhores condições físicas psíquicas, cognitivas e sociais, isto é, maior satisfação com a vida, enfim, maior grau de felicidade não foram aqueles que cuidaram do colesterol, do diabetes, do exercício físico, mas aqueles que aos cinquenta anos mantinham as melhores relações interpessoais, ou seja, aqueles que eram capazes de dar e receber afeto. Isto independentemente se eram oriundos de Harvard ou da periferia. Quem dá e recebe afeto tem uma capacidade singular de abertura à experiência do outro; aquele que é capaz de dar e receber afeto, além dessa abertura tem um reservatório de amor inesgotável. Esses vivem mais e melhor, não importando o lugar e a trajetória social, cultural, econômica.

A nossa dimensão material, o nosso corpo, é aquilo que nós ingerimos. Se comermos porcarias, ele tenderá a ser uma porcarias. Se comermos alimentos saudáveis, nosso corpo tenderá a ser saudável. Assim também é a nossa dimensão psíquica. Só que o seu alimento são as relações. Então, quando eu trago a questão da redenção da pessoa descrita em prosa e verso no final do século XX e dos pensadores de Harvard, é sobre este prisma, este espectro que as teorias e as técnicas em Psicologia devem se debruçar. Os cientistas e pensadores da década de 1930, da década de 1990, e nós, de 2018, parecemos estar em consonância.

Um aspecto mais: quando se fala em Psicologia, não deve ser a Psicologia da Psicanálise, a Psicologia do Humanismo, a Psicologia do Sentido da Vida, das Psicologias Comportamentais, mas a Psicologia de todas essas Psicologias. Quando a gente olha a Psicologia apenas sob o ponto vista de uma dessas correntes, nós enfraquecemos a Psicologia. Podemos lembrar Carl Rogers no ‘aqui e agora em plenitude’; Sigmund Freud e as motivações inconscientes; Victor Frankl e o sentido da vida; as Teorias Comportamentais e ‘os problemas não podem esperar’.

Enfraquecendo a Psicologia, enfraquecemos o homem e não o ajudamos a alcançar aquilo que seria sua grande ambição e tendência: vida em plenitude! Então, essas teorias e suas técnicas devem atender as necessidades desse homem que busca sua redenção. Precisamos ter clareza sobre o que esse indivíduo quer ser. Olhando os currículos, parece que eles deixam a desejar sobre quem, afinal, é - em sua essência - este ser, que é a razão de tudo o que pensamos, aprendemos, sabemos e fazemos usando o nosso título de Psicólogos.

Mas eu quero resumir toda minha ideia através de um poema, que eu escrevi há algum tempo:

FELICIDADE

Acordei determinado
A buscar felicidade,
Virei do avesso a cidade,
Olhei tintim por tintim.
E foi só tarde, já noite,
Depois de muitos açoites
Que a encontrei dentro de mim!

EU

Depois foi bem diferente:
Não olhei tintim por tintim
Nem mesmo dentro de mim.

Deixei a vida correr
E vi que a felicidade
Estava em toda a cidade
Transfigurada em Você!

O OUTRO

Então eu fui pra janela,
Contemplei o horizonte.
Vi o céu, o mar, vi o monte.
Vi até o tempo correr!
Vi o jovem, o velho e o menino,
Vi a liberdade e o destino,
E vi que felicidade é viver!

A VIDA

Eu – o Outro – a Vida!

Então, em primeiro lugar, o foco fica no indivíduo, em mim! Em segundo lugar, no outro; e, por fim, nas circunstâncias, na Vida!

A vida precisa ser muito mais poesia. A nossa missão como psicólogos é ajudar que as pessoas encontrem esse encantamento dentro de si, no outro, no mundo e na vida!